

# PROJETO DESIGN

## DESIGN

A vivacidade do trabalho de Bia Lessa na museografia do Paço do Frevo, em Recife

## ENTREVISTA

Da escola para a escola: o percurso da crítica de Kenneth Frampton

# 409

abril '14  
R\$ 29,00

arcoweb.com.br

**arco**

ISSN 1808 - 6596



9 771808 658007

00409



# TALENTOS DE UMA NOVA GERAÇÃO

Quem são os jovens e promissores profissionais premiados no 24º Opera Prima? Seus perfis e trabalhos na matéria sobre os 5 vencedores. E um paralelo das obras construídas nas regiões do prêmio.





# MOVIMENTOS

## incontidos

**O NOME FREVO TEM ORIGEM NO VERBO FERVER E RESUME EM UMA SÓ PALAVRA TODA A EFERVESCÊNCIA E AGITAÇÃO DE UM RITMO ACELERADO, DERIVADO DA MARCHA E DO MAXIXE, E CUJA DANÇA INCORPORA MOVIMENTOS ACROBÁTICOS E DA CAPOEIRA. TRANSPOR PARA UM ESPAÇO FECHADO A FORÇA DESSA EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR FOI O GRANDE DESAFIO DA ARTISTA PLÁSTICA BIA LESSA NO DESENVOLVIMENTO DA MUSEOGRAFIA DO PAÇO DO FREVO, IMPLANTADO EM UM PRÉDIO TOMBADO NO BAIRRO DO RECIFE ANTIGO. A ILUMINAÇÃO É DO LD STUDIO.**

No final do século 19, o carnaval de rua de Recife e Olinda começou a ser animado por um novo ritmo de forte expressão musical, coreográfica e poética que conquistou o gosto popular. Em 2007, o frevo foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro e, a partir daí, a Secretaria Municipal de Cultura do Recife começou a pesquisar os requisitos necessários para que também fosse considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade. O reconhecimento da Unesco aconteceu em 2012. “E com ele também veio a proposta de criação do Paço do Frevo como parte do plano de salvaguarda para a manutenção do título conquistado”, explica Mariângela Castro, gerente de projetos de patrimônio e cultura da Fundação Roberto Marinho, instituição convidada para desenvolver o projeto em parceria com a secretaria. O Paço do Frevo é um espaço de referência e difusão onde a população e os turistas podem vivenciar o ritmo durante todo o ano por meio de pesquisas, filmes, exposições ou aulas de dança e música, entre outras atividades. Ele foi instalado em um edifício

tombado, construído no início do século 20 para abrigar a Western Telegraph Company. Fechado desde 1973, quando a empresa encerrou suas atividades, o prédio foi desapropriado pela prefeitura do Recife e ao longo dos últimos quatro anos passou por obras para restauro das fachadas, recuperação interna e adaptação ao novo uso, conforme o projeto de arquitetura, restauro e acústica desenvolvido pelo Grau - Grupo de Arquitetura e Urbanismo, escritório recifense comandado por Felipe Campelo e Ronaldo L'Amour (*leia o quadro*).

### EXPRESSÃO DAS RUAS

A concepção dos espaços coube à artista plástica Bia Lessa, autora da museografia que procura formas de levar o movimento do frevo para dentro do edifício. Outra demanda era promover a permeabilidade visual entre interior e exterior, de modo que a paisagem urbana também fizesse parte do paço. “Transpor uma expressão das ruas para um ambiente fechado foi o maior



► Bia Lessa

► Museografia e expografia, Recife

Nomes grafados nas paredes vermelhas representam artistas e a multidão nas ruas

desafio do projeto, mas tentamos transformar essa dificuldade em conteúdo”, explica Bia. Um elemento recorrente nessa proposta é a cor vermelha, utilizada por sua associação ao fogo, à fervura. “A palavra frevo vem de ferver, e por isso sua cor não poderia ser outra senão o vermelho. As cores usadas em sua representação institucional [azul, amarelo, vermelho e verde] não traduzem a intensidade das emoções ligadas a ele”, diz Bia. Também é constante o uso de tetos e pisos, além das próprias paredes, como base para diversas formas de apresentação, o que traz embutida a ideia de movimento. A cor e os grafismos foram combinados na recepção, onde os nomes de personagens do frevo estão grafados nas paredes para simbolizar a multidão das ruas e acolher o público, como se cada indivíduo fizesse parte daquele coletivo. A proposta luminotécnica de Monica Lobo, do LD Studio, desenvolvida junto com a museologia, usa a lâmpada incandescente comum aparente

e suspensa por um fio, para arrematar esse espaço com um elemento de forte apelo popular. No térreo, as lâmpadas aparecem alinhadas sobre o balcão da recepção e ainda pontuando o forro, que é todo revestido por pequenos bonecos de PVC vermelho, fixados um a um na laje, representando uma multidão de homens e mulheres. Nos pontos em que a dimerização era necessária, empregou-se a lâmpada balão, de bulbo maior. Ainda no térreo, a linha do tempo é uma exposição permanente construída sobre paredes pintadas com tinta verde fosca, sugerindo uma grande lousa, nas quais os visitantes podem usar giz escolar para acrescentar informações. Com início em 1900, cada ano que compõe a cronologia é representado por um livro preso em altura adequada à leitura do público. De um quadrado central no forro partem dezenas de fitas brancas, inspiradas na dança folclórica do pau de fita, que se estendem até cada um desses livros e são associadas a fitas de leds dimerizadas,









com pontos de luz aparentes, para complementar a iluminação e oferecer condições de leitura sem ofuscamento. “Bia Lessa queria juntar o sagrado e profano neste trabalho. A intenção era ressaltar o lado colorido, festivo e popular e tentamos transmitir essa ideia também na iluminação - por exemplo, na combinação da lâmpada incandescente, que é extremamente popular, com fitas de led dimerizadas, um elemento atual e sofisticado”, explica Monica. O terceiro pavimento é dedicado à exposição permanente e dividido em três espaços - um voltado para a música, outro para o passo e o último, e também o principal, destinado ao frevo de forma mais ampla, unindo música e passo. Nos dois primeiros, há a exibição de vídeos produzidos especialmente para este projeto. No terceiro, a mostra está centrada nos estandartes das associações posicionados em nichos no piso, fechados por vidro e iluminados por lâmpadas fluorescentes T5, dispostos ao redor da área central, que, por sua vez, é dedicada a apresentações. “Os estandartes dos blocos são conduzidos sempre no alto, acima do público. Aqui fizemos uma inversão e os colocamos no piso. Dessa forma, o visitante é obrigado a olhar para baixo e fazer uma reverência a cada um”, explica Bia. O fundo dos nichos é forrado com serragem, numa referência aos tapetes de farelo de madeira que forram as ruas para as procissões religiosas no interior do país. A iluminação geral é difusa, dada por lâmpadas incandescentes fixadas às tesouras metálicas da cobertura de quatro águas. No mesmo ambiente há ainda um percurso cíclico que ilustra o período entre um carnaval e outro. Ele é composto por backlights com imagens da cidade, de agremiações, ensaios, fantasias e blocos, culminando com as ruas sujas e vazias no fim do carnaval e com o recomeço dos preparativos para o ano seguinte. Presos às paredes, esses backlights contornam o espaço principal e contribuem para a iluminação geral por meio de fluorescentes compactas ou tubulares, dependendo do tamanho do painel. O primeiro e o segundo andares concentram outras atividades, como escolas de música e de dança e salas para mostras de curta duração. (N. C.)



**1** Acesso à linha do tempo, exposição permanente no piso térreo

**2** Exposição permanente do terceiro piso. Lâmpadas incandescentes e backlights respondem pela iluminação

**3** Fitas brancas partem do quadrado central no forro e chegam a cada um dos livros que representam os anos na linha do tempo. Os visitantes podem escrever com giz nas paredes verdes

**4** Estandartes de agremiações dispostos em nichos no piso fazem o visitante olhar para baixo, como numa reverência







3



### A RECUPERAÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício que abriga o Paço do Frevo é um representante do estilo neoclássico tardio inglês. Com 1,7 mil metros quadrados de área construída, possui térreo e mais três pisos, três cornijas e poucos ornamentos. Fechado a partir de 1973, apresentava todas as consequências do abandono e necessitava de obras para a recuperação de fachadas, substituição de infraestrutura e requalificação dos interiores, marcados por pés-direitos altos, divisórias de tijolos e janelas com caixilhos de madeira, com veneziana e vidro, mas sem postigo interno. “Procuramos manter as características originais da edificação. Também não havia espaço para ampliações, o programa tinha que caber no prédio”, conta Ronaldo L’Amour, um dos arquitetos responsáveis pelo projeto. A intervenção mais significativa foi feita no reforço das lajes, estruturadas por perfis metálicos a cada 60 centímetros e com vãos preenchidos por concreto. Como os perfis estavam oxidados, foram estudadas possibilidades para reparo e reforço dessa estrutura. O sistema escolhido foi o que emprega manta de fibra de carbono, ainda pouco difundido no mercado. “Essa manta é flexível e aplicada diretamente sobre a laje com um líquido reagente. Quando ela endurece, a superfície ganha a mesma resistência do concreto armado”, explica L’Amour.





**1** O Glossário do Carnaval, com 91 verbetes, integra a mostra do terceiro pavimento

**2** O visitante deve girar as placas para ler o significado dos termos

**3** O edifício em estilo neoclássico tardio inglês tem 1,7 mil metros quadrados de área construída



**3º PAVIMENTO**

- 12** Exposição permanente
- 13** Espaço de dança

**2º PAVIMENTO**

- 9** Sala de dança
- 10** Exposição temporária
- 11** Oficina de cenários

**1º PAVIMENTO**

- 5** Sala de aulas
- 6** Sala dos professores
- 7** Estúdio
- 8** Técnica

**TÉRREO**

- 1** Área de convívio
- 2** Café/loja
- 3** Centro de documentação
- 4** Administração